

## **COSTUMES INCOMUNS: A Rinha de Galos no Extremo-Oeste Catarinense**

Misael Costa Corrêa  
Mestrando em História  
Universidade do Estado de Santa Catarina  
misaelcorreia@yahoo.com.br

### **INTRODUÇÃO**

Este trabalho trata de uma prática popular considerada ilegal no Brasil e em vários outros países: a rinha de galos. Minha curiosidade sobre tal assunto teve dois fatores predominantes. O primeiro deles deve-se ao fato de que convivi com essa prática por um longo período de minha vida. Meu pai sempre criou galos de briga, como também o pai de meu pai. Parte de minha infância e juventude foi dedicada à lida e ao cuidado para com essas aves, e a frequência quase obrigatória, nos finais de semanas, às chamadas Rinhas (do castelhano; “*riña*”, é o termo que designa, no Brasil, a luta de galos)<sup>1</sup>. Mas, além disso, o que me motivou a pensar a rinha de galos como um problema histórico ou científico foi um texto do antropólogo Clifford Geertz, em seu livro “A interpretação das culturas”, onde, no capítulo 9, o autor aborda sobre a rinha de galos entre os balineses, na Indonésia.

Muito me identifiquei em vários aspectos desse capítulo, algumas vezes sentindo até mesmo como se o autor estivesse descrevendo a micro-sociedade de que participei. Uma diferença a ser apontada sobre a metodologia de pesquisa de campo é que o trabalho de Geertz é mais etnológico, enquanto este trabalha muito mais com memória e oralidade. Não obstante, procuro apresentar uma visão o mais objetiva possível da rinha de galos, já que de detratores ela está cheia.

A escolha da região Extremo-Oeste de Santa Catarina deve-se ao fato de que sou natural de lá, e por isso, já conhecia as pessoas as quais entrevistei. É interessante notar que a região é composta por pequenas cidades, São Miguel do Oeste que é maior delas,

---

<sup>1</sup> MICHAELIS. 1998, p.1846.

possuía, em 2008, 35.004 habitantes.<sup>2</sup> As cidades dessa região são planejadas, com bastante espaço, o que faz com que, as casas, geralmente, sejam construídas em terrenos relativamente grandes, com espaço para jardins, hortas e a criação de pequenos animais, excetuando-se, evidentemente, a parte do centro da cidade onde fica o comércio e as instituições. No restante da cidade, prevalece o modelo misto entre rural e urbano, em que o sujeito vive no perímetro urbano, mas tem o contato com a terra, mantendo, assim, o que poderíamos chamar de *hobby* hortifrutigranjeiro. Dessa forma, não é conveniente que vizinhos se sintam importunados com os animais que possui alguém nas proximidades, nem mesmo galos de briga. Até porque as sensibilidades dessas pessoas ainda não são as mesmas que geralmente observamos nas classes médias dos grandes centros urbanos, mais adeptos dos conceitos cosmopolitas.

Para o auxílio no desenvolvimento de novas percepções sobre a briga de galos, além de alguns poucos escritos existentes em língua portuguesa (quando acessíveis), resolvi entrevistar alguns criadores de galos de briga. Foram realizadas, destarte, sete entrevistas. Cinco delas com galistas de São Miguel, um de Guaraciaba e um de Itapiranga, cidades também localizadas naquela micro-região.

A intenção do texto é dar voz aos entrevistados, pormenorizar o perfil desses galistas, saber de onde são, o que pensam sobre o galismo e sobre a proibição. Em seguida discutir algumas das respostas dos entrevistados com questões relacionadas às sociabilidades e ao que pensam sobre o mau trato aos animais.

## 1. Conhecendo as rinhas de galos

Enfim, posso dizer que conheço galos desde que nasci, ou pelo menos a partir de minha primeira recordação ao visualizar o quintal de minha casa. Naquela época, meu pai, criava somente galos e galinhas combatentes, dessa forma acabei me aproximando e compreendendo como se criavam os bichos, fui tomando responsabilidade pela alimentação e outros cuidados que necessitam essas aves. Através de minha experiência, pude perceber que os galos lutam por espaço e poder, são animais extremamente territorialistas, não precisam ser incitados uns contra os outros para que briguem, como bem observou o antropólogo Clifford Geertz, em suas notas sobre a rinha de galos balinesa:

---

<sup>2</sup> IBGE. Estimativas das populações residentes, em 1º de julho de 2008, segundo os municípios.

Na maioria das vezes, (...) os galos atiram-se imediatamente um ao outro, batendo as asas, estirando a cabeça e batendo com os pés, numa explosão de fúria animal, tão pura, tão absoluta e, a seu próprio modo, tão bonita que até parece abstrata, um conceito platônico de ódio.<sup>3</sup>

Também é o que sustentam a maioria dos entrevistados, de que os galos brigam por instinto, como é possível observar na fala de João Lucas Oliva: “a briga de galos só se faz explorando a agressividade natural do animal”.<sup>4</sup> Opinião semelhante à de Astor Boch, bastante enfático em sua declaração:

o público (...) fica julgando que o homem faz o galo brigar, e a gente pode provar que isso não é verdade (...). Porque o galo de briga já tem o instinto da briga desde pintinhos (...). Isso somente acontece com o galo de briga. Assim também vemos entre galinhas, frangas, frangos, galos, que não podem ficar juntos de maneira nenhuma, tem que ficar todos separados, porque o instinto manda que eles briguem, eles gostam de brigar. A gente pode interpretar assim porque se assim não fosse eles não brigariam desde pintinhos e a gente poderia criá-los juntos. E como não se pode criá-los juntos, então, deduz-se que é o instinto, e o prazer no combate está no sangue do galo de briga.<sup>5</sup>

E complementa Nabor Corrêa:

O galo, se você colocar ele numa gaiola fechada e ele não brigar, ele definha e morre. Não é só seu instinto, é sua natureza que ele nasceu para brigar, para defender seu território, é o animal que mais defende o seu território. (...) Existe outro processo no galo de briga, onde tem galos que em determinado momento, por uma questão ou outra deixam de brigar, perdendo a característica belicosa. Não existe homem no mundo que o faça brigar! Se ele não quer brigar, ele não briga! Já se viu isso na rinha, onde você leva o seu galo fenomenal para brigar e ele não quer. Aí, não existe rinha quando ele não quer brigar. E todas as outras rinhas que existem é porque o teu galo quer brigar, o homem não é capaz de fazê-los brigar. Outra coisa, não existe elemento químico que você coloque no galo para que ele tenha mais coragem ou menos coragem, que ele brigue mais, tenha mais vontade ou menos vontade. O que se cria no galo é uma condição de atleta. Ele tem que ter uma alimentação adequada e boa desde que nasce até o dia que briga. Quando ele briga, ele recebe todos os cuidados, médicos, para que ele se recupere.<sup>6</sup>

Todos os galistas são muito enfáticos ao falar sobre os instintos dos galos, até mesmo porque seria inviável se tivesse que ensinar, ou provocar todos eles para que adquirissem gosto pelo combate.

Sobre as rinhas, podemos dizer que são realizadas nos chamados rinhadeiros, que é um espaço relativamente grande, sendo utilizadas casas, galpões ou pequenos

<sup>3</sup> GEERTZ, 1989, p. 289.

<sup>4</sup> OLIVA, op. cit.

<sup>5</sup> BOCH, Astor. Entrevista concedida ao autor. São Miguel do Oeste, 19 de abr. de 2009. Depoimento oral.

<sup>6</sup> CORRÊA, Nabor N. F. Entrevista concedida ao autor. São Miguel do Oeste, 21 de abr. de 2009. Depoimento oral.

ginásios para a sua prática, de modo que possua um bom espaço para a aglomeração dos espectadores em torno do tambor. O tambor, que não é nada mais do que a arena ou o ringue, pode ser em número de um ou mais, dependendo do nível da rinha e do número de parelhas, que, se em grande escala, necessitam mais de um tambor, para que se possam ter dois ou mais embates simultaneamente.<sup>7</sup> Em torno do tambor existem bancos e/ou arquibancada, na primeira fila tem preferência os proprietários dos galos e seus parceiros, em seguida os demais interessados (outros galistas ou simples espectadores e apostadores).

Ao contrário do que Geertz comenta sobre a duração das rinhas de galo em Bali – “*Quando ela termina, o que pode levar quinze segundos ou cinco minutos (...)*”<sup>8</sup> – no Oeste de Santa Catarina as rinhas tendem a durar muito mais. Raramente uma rinha acabará em menos de dez minutos, levando em média, cada rinha mais de meia hora. Então por que as rinhas em Bali são tão rápidas e aqui são tão demoradas? A explicação é bastante simples e trata-se de uma diferença cultural; as esporas artificiais que são utilizadas. Sobre Bali, Geertz relata:

(...) os galos selecionados têm seus esporões (*tadjí*) colocados – afiados como lâminas, espadas de pontas de aço, com quatro ou cinco polegadas de comprimento. Essa é uma operação muito delicada, que apenas meia dúzia de homens em cada aldeia sabe executar de forma correta. O homem que coloca os esporões também os fornece e, se o galo que ele ajuda vence, seu proprietário lhe dá de presente a perna da vítima com o esporão. Esses esporões são afixados enrolando um fio comprido em torno do suporte do esporão e da perna do galo.<sup>9</sup>

No Brasil, existem dois tipos de esporas utilizadas, dependendo bastante da região; a Nacional, Arma ou Branca é usada originalmente do Estado do Paraná para cima, enquanto no Sul a mais utilizada era a Gaúcha, ou G, como é conhecida<sup>10</sup>. Como nenhuma delas chega próxima a quatro ou cinco polegadas de comprimento os efeitos de seus golpes são diminutos em relação aos esporões utilizados pelos balineses. Tendo aproximadamente dois centímetros de comprimento, as esporas G têm formato cônico e são produzidas com alumínio ou lata. E a principal característica dessa espora é a de combates equilibrados, levando menos em conta a sorte, mas as habilidades do galo e sua resistência física. Em contrapartida existe a espora Branca, um pouco mais longa e

<sup>7</sup> Obviamente, as rinhas simultâneas envolvem grupos diferentes. (N.E.)

<sup>8</sup> GEERTZ, op. cit., p.296.

<sup>9</sup> Ibid., p.288.

<sup>10</sup> Nos últimos anos a Branca têm ganhado mais adeptos no sul, a ponto de se tornarem isolados os combates com a espora G. (N.E.)

fina que a G, tendo cerca de 2,5 cm de comprimento, podendo ser de alumínio ou plástico. Nesse tipo de combate a sorte pode fazer à diferença, quando, por ventura, em um golpe de esporas a rinha pode ter o seu final decretado. Contudo, a duração da rinha com a espora Branca ainda é muito superior as *tadji* utilizadas pelos balineses, tendo 55 minutos no máximo, com dois banhos de 20 minutos e um de 15 minutos.<sup>11</sup>

Por isso, também, há diferenças entre os galos que são criados para a espora G, para a Branca, para as *tadji*, ou qualquer outra espora. Assim, em alguns lugares encontraremos galos com características físicas propícias a determinado tipo de espora, ou galos robustos, ou galos mais ágeis, etc.

Contudo, ao falarmos de rinhas de galos, uma coisa não poderia ser esquecida ou minimizada; as apostas. Talvez, São Miguel do Oeste e as cidades próximas, não sejam o exemplo mais contundente do que é aposta em esportes animais, porém, pode servir como um ótimo exemplo na demonstração de que o jogo não é o motor, nem o alicerce, para a continuidade dessa prática, mas que ela existe em razão da paixão de seus entusiastas, tanto no que se refere à rinha em si, como também em todo o processo de criação dos animais.

Quando, nas entrevistas, perguntei se era mais importante o dinheiro ganho com as apostas ou a status em vencer a rinha, as respostas foram unânimes; todos eles disseram, a grosso modo, que o importante é vencer a rinha, como é possível observar na resposta de Leozinho; “é o status, porque falavam de você lá em tal cidade, falavam em briga de galo, e falavam que não dá para chegar em tal sujeito lá de São Miguel do Oeste.”<sup>12</sup> Ou ainda, na resposta quase idêntica é a de Nabor Corrêa:

O status de vencer a rinha é o foco principal. Você não ganha dinheiro com o galo, você tem orgulho com o galo! Nós por exemplo, que éramos de uma condição um pouco menor, quando íamos a rinha de Chapecó – eu, meu filho e nossos companheiros – nós ganhamos uma rinha, com um excelente galo por sinal, de um galista muito forte. Na época a gente tinha orgulho e dizia: Oh! Toquei o galo do fulano de tal! Quanto ganharam? Cem reais! A gente também não podia apostar muito, não era a condição econômica da gente. Mas quando ganhamos àquela rinha... Aí, depois quando brigamos em outra rinha, na cidade de Palmeira das Missões, onde um companheiro nosso tinha uma rinha muito grande e muito boa, que a gente venceu também. Nas outras vezes que a gente ia lá, todos os galistas fortes já diziam: Oh! Esse aí não dá pra se botar de graça nele, porque esse aí tem galo bom! (...) Então, o orgulho de ter sido vencedor é imensamente maior do que qualquer dinheiro. Não tem

<sup>11</sup> POOTER, Nelson. Entrevista concedida ao autor. Guaraciaba, 16 de abril de 2009. Depoimento oral.

<sup>12</sup> SCHMITD. Op. cit.

dinheiro que pague o orgulho que a gente tem de ter uma coisa boa, ou o melhor daquela espécie.<sup>13</sup>

Além de a citação dar importância ao status, nota-se a maneira como o homem com os dizeres; “toquei o galo de fulano”, se coloca no lugar do galo.<sup>14</sup> E tocar, nesse sentido, significa vencer, por para correr, derrubar. Esse tipo de orgulho é tão maior quanto o prestígio do adversário, vencer alguém com melhor posição econômica, ou que possui uma raça de galos respeitada pelos seus resultados em rinhadas, torna o galista bem quisto. Como, os galistas do extremo-oeste não possuem rinhadeiras onde as somas de dinheiro ultrapassam valores muito altos, alguns galistas desses se deslocam a rinhadas de outras regiões, onde participam mais pessoas e as apostas tendem a ser maiores, as chamadas rinhadas grandes, como é costume se ouvir. Nesse tipo de jogo vale muito do que diz Geertz sobre os jogos profundos,

onde as somas de dinheiro são elevadas, está em jogo muito mais do que o simples lucro material: o saber, a estima, a honra, a dignidade, o respeito – em suma, o status, embora em Bali esta seja uma palavra profundamente temida. Ele está em jogo simbolicamente, pois o status [econômico] de ninguém é alterado pelo resultado de uma briga de galos (além de poucos casos de jogadores viciados arruinados); ele é apenas afirmado ou insultado, e assim mesmo momentaneamente.<sup>15</sup>

Nos rinhadeiras pequenos, é com muita dificuldade que se consegue apostar mais de 100 reais com a mesma pessoa, aquele que estiver a fim de apostar um valor alto, geralmente terá que apostar com mais de uma pessoa. No entanto, isso não quer dizer que em rinhadas maiores não seja possível apostar contra mais de uma pessoa, muito pelo contrário até, nesse tipo de rinhadeira é que os apostadores se envolvem em apostar contra várias outros.

Dessa maneira, a rinhada propõe vários tipos de apostas, mas sempre respeitando alguns critérios, como, por exemplo, não propor aposta indicando com qual pessoa se quer apostar, como se fosse uma afronta pessoal, a menos que elas sejam bastante íntimas. Também não é agradável que se obrigue alguém a “casar o dinheiro”, se faz a aposta e somente ao final da rinhada é que se movimentam os valores, como também não é agradável que se procure o perdedor para lhe cobrar, as apostas devem ser pagas pelo

---

<sup>13</sup> CORRÊA. op. cit.

<sup>14</sup> Ou utilizando as palavras de Geertz; “É apenas na aparência que os galos brigam ali – na verdade, são os homens que se defrontam.” GEERTZ. op. cit., p.283.

<sup>15</sup> Ibid., p. 300.

perdedor, que deve procurar seu adversário para pagar o que havia sido combinado.<sup>16</sup> Além disso, não se deve fazer aposta do tipo ofensiva, apostar que tal galo vai cegar o outro, ou vai por para correr, nem mesmo torcer abertamente para isso é aprazível.

## 2. Homens e animais

Mas voltemos ao local de nosso interesse maior; o extremo-oeste de Santa Catarina. A maioria dos galos existentes nessa região são oriundos do Rio Grande do Sul, como observa enfaticamente o entrevistado Nabor Corrêa: “99% dos galos vieram do Rio Grande do Sul.”<sup>17</sup> Da mesma forma ocorre com a população local, proveniente em sua maioria do estado sulino, sobretudo das colônias italianas e alemães, poucos são aqueles que não têm alguma ascendência naquele estado.

Nas entrevistas tive como primeiro objetivo conhecer um pouco dessas pessoas, onde nasceram, desde quando trabalham, até quando estudaram, a que tipo de classe social pertenciam, que atividades realizavam, etc.. Desta forma, pude perceber um pouco do perfil das pessoas participantes dessa prática.

No geral, essas pessoas pertencem à classe média, alguns com um pouco mais de recursos, outros um pouco menos, porém todos com acesso a propriedade privada e a bens de consumo, independentemente do grau de escolarização, que variou entre a evasão escolar ainda durante o primário até pessoas com ensino superior e pós-graduação. Todos os entrevistados, profissionalmente falando, pertencem ao setor de prestação de serviços, sejam como profissionais liberais, autônomos, empregados ou como funcionários públicos, sendo que alguns já estão aposentados. Suas idades, na data em que as entrevistas foram feitas, variaram entre 34 anos para o mais novo e, 73 para o mais velho. Sendo que, dois, dos sete entrevistados, são naturais do estado do Rio Grande do Sul e os cinco restantes naturais de Santa Catarina. Apesar disso, nenhum dos entrevistados é nascido em São Miguel do Oeste, os que moram lá hoje se estabeleceram ali após 1958.

---

<sup>16</sup> Nas rinhas de galos são raros os caloteiros, até porque, são as mesmas pessoas que participam, se alguém der calote todos ficarão sabendo e a pessoa perde credibilidade e até mesmo tende a se afastar do circuito de rinhas. Como disse, em entrevista, João Lucas Oliva; *na tradição gaúcha, o galista preserva muito o fio de bigode, então, vale o que tem na cara. Então, no galismo também é assim, o que vale é a palavra da pessoa.* OLIVA. op.cit.

<sup>17</sup> CORRÊA. op. cit.

Todavia, esse conjunto de indivíduos, comparado com o restante da população daquela região, não possui um caráter diferente pelo simples fato de serem admiradores ou criadores de galos de briga. Isso não os afasta em nada do restante da população, muito pelo contrário, são pessoas como quaisquer outras, inclusas no cotidiano, nas sociabilidades e na política de suas cidades ou comunidades. Como percebeu Geertz em relação à Bali, elas têm os seus empregos, estando “envolvidas também na política de prestígio do dia-a-dia”<sup>18</sup> Talvez a diferença fundamental para Bali é que lá, proporcionalmente, a rinha de galos envolve muito mais pessoas, e o contato entre elas acontece tanto nas rinhas como no cotidiano, enquanto em Miguel do Oeste, os galistas fazem parte de uma minoria e não dependem tanto dos contatos das rinhas de galos no seu dia-a-dia. Ou seja, elas podem muito bem se encontrar na rinha e voltarem a ver-se somente nas horas de folga ou nas rinhas seguintes, e assim o prestígio do dia-a-dia não acontece obrigatoriamente entre os praticantes, mas entre estes e as demais pessoas não envolvidas com a rinha, o que nos dá a entender que a rinha de galos não é o fator preponderante de sociabilidades para o local, não “é um dever compulsório de cidadania.”<sup>19</sup>

Geralmente, o contato dos entrevistados, com as rinhas de galo, deu-se através de familiares ou amigos, e é importante notar que muito raramente as mulheres se envolvem com a rinha de galos, geralmente as que se encontram em rinhadeiros são acompanhante de algum entusiasta. Mulher independente, com cocheira própria, que leva seus galos para a rinha, eu nunca ouvi dizer, mas sabe-se de algumas esposas ou filhas de criadores muito afeitas as rinhas. As mulheres quase não participam mesmo no trato diário dos animais ou no treinamento, permitindo supor que se trata de algo no qual os homens manifestam aspectos de comportamento que a sociedade neles projeta ao longo de sua formação, como coragem e determinação, de toda maneira, trata-se de uma prática cultural que parece estar no curso de uma paulatina redução por variados motivos. Muito embora a proibição não seja apontada por alguns dos entrevistados como razão para esse declínio, que salientam o surgimento de outros tipos de diversão, é bem possível que ela tenha efeitos inibidores devido à repressão por parte dos agentes do Estado e da virtual de execração pública dos praticantes. Associada a isso, a difusão de outras formas de comportamento e de sensibilidade por meio da educação formal nas

---

<sup>18</sup> GEERTZ, op. cit., p.307.

<sup>19</sup> Ibid., p.291.

escolas e ou dos meios de comunicação de massa, como a televisão, comportamentos e sensibilidades mais próprios do ambiente urbano das grandes cidades que são apresentados como modelares, parece tolher a preservação da rinha de galos.

No que diz respeito à rinha de galos, a interferência dessas condutas ocidentais modernas, é observável no que diz Geertz sobre Bali, no período anterior a colonização:

Num período clássico (isto é, anterior a invasão holandesa de 1908), quando não havia burocratas para incrementar a moralidade popular, a encenação de uma briga de galos era um assunto explicitamente societário. Levar um galo de briga para uma luta importante era para um adulto masculino, um dever compulsório de cidadania; a taxação das brigas, que ocorriam geralmente nos dias de mercado, era uma das principais fontes de renda pública; o patrocínio da arte era uma responsabilidade estabelecida para os príncipes, e a rinha de galos, ou *wantilan*, ficava no centro da aldeia, próximo a outros monumentos da civilidade balinesa – a casa do conselho, o templo de origem, o local de mercado, a torre de sinalização e a figueira-de-bengala. (...) <sup>20</sup>

Sobre o período “não clássico” complementa o mesmo autor:

A não ser em ocasiões muito especiais, as brigas de galos são ilegais em Bali desde que foi proclamada a república (como eram sob os holandeses, por motivos não muito bem explicados), em função das pretensões ao puritanismo que o nacionalismo radical tende a trazer consigo. A elite que não é tão puritana, preocupa-se com o camponês pobre, ignorante, que aposta todo o seu dinheiro, com o que o estrangeiro poderá pensar, com o desperdício de tempo que poderia ser melhor aplicado na construção do país. Ela vê a briga de galos como “primitiva”, “atrasada”, “não-progressista” e que não combina, em geral, com uma nação ambiciosa. Como acontece com outros motivos de constrangimentos – fumar ópio, mendigar ou ter os seios descobertos – ela procura acabar com eles, de forma não sistemática. <sup>21</sup>

Isso vem a mostrar que a preocupação inicial em proibir as rinhas de galo em Bali é fundamentada na moralidade e estaria em conformidade com os propósitos europeus de civilização. Com o Brasil não poderia ser diferente, e sua proibição em 1961, pelo então presidente Jânio Quadros, foi acompanhada de outras proibições, como por exemplo, o funcionamento de Jóqueis Clubes durante a semana, o uso de lança perfumes nos bailes carnavalescos e a utilização de maiôs cavados em concursos de beleza. <sup>22</sup>

---

<sup>20</sup> GEERTZ, op. cit., p. 291.

<sup>21</sup> Ibid., p. 280.

<sup>22</sup> BENEVIDES, 1999, p. 40.

Para a historiadora são *decisões pessoais do presidente da República para questões disparatas e insólitas, obviamente deslocadas da órbita governamental.*

O fato é que essas alterações visam inculcar novas formas de ver, perceber e dar sentido ao mundo, o que foi muito bem percebido por Keith Thomas em relação à Inglaterra:

(...) nos séculos XVII e XVIII muito das pressões para eliminar os esportes cruéis provinha de um anseio por disciplinar a nova classe trabalhadora segundo padrões mais elevados de ordem pública e hábitos mais industriais. (...) O amor às criaturas brutas frequentemente se associava a repugnância pelos hábitos de ordem inferiores; e a opinião de classe média mostrava-se tão ofendida com a desordem que os esportes animais criavam quanto com a crueldade neles presente. Os maus tratos aos animais, pensava Willian Baker em 1770, eram “um vício ao qual o vulgo inculto muito se dedica”. Trata-se, também na opinião de Willian Jones de Nayland, em 1771, “de um dos vícios característicos das pessoas mais baixas e vis”. Durante todo o século XIX, pareceu óbvio que era “entre as classes inferiores da sociedade que grassavam os atos cruéis”. Os vilões eram “os rudes e devassos” cocheiros, “os patifes velhacos e insensíveis do mercado de Smithfield” e os execráveis barqueiros. A lei de 1835, contra a crueldade infligida aos animais, proclamava a intenção de reduzir tanto os sofrimentos das criaturas mudas quanto “a desmoralização do povo”.<sup>23</sup>

A partir disso podemos perceber desde quando perduram as discussões sobre a licitude das práticas culturais populares, como também sobre as atitudes frente aos animais. Porém, o que mais se evidencia são os preconceitos de classe. Geralmente, nesse tipo de homilia, tudo aquilo que é considerado ruim, mal ou imoral, é proveniente dos desclassificados da economia monetária, desocupados ou ocupados das obrigações degradantes (o que para as elites dá no mesmo), que, por conseguinte, são os mesmos desprovidos da instrução escolar normativa. Esses são os indivíduos comumente taxados como incivilizados.

Sobre os participantes das rinhas de galo o discurso não é muito diferente. Apesar de às vezes ser reconhecida a participação de outras classes sociais: a acusação contra ela aparece vinculada também ao uso contínuo de apostas, ou ao jogo profundo, imoral que Geertz relembra ter sido condenado por Bentham (“onde o jogo no qual as apostas são tão altas que, do ponto de vista utilitarista, é irracional que os homens se envolvam nele”), o que lhe permite afirmar o seguinte:

Num jogo profundo genuíno, (...) eles estão mergulhados até a cabeça. Chegando juntos em busca de prazer, eles entram numa relação que trarão aos participantes, considerados coletivamente, mais dor que prazer. A conclusão de Bentham, portanto, é de que o jogo profundo é imoral a partir de seus princípios básicos e que deveria ser legalmente proscrito, uma atitude típica desse autor.

<sup>23</sup> THOMAS, 1998, p. 221-222.

Mais interessante que o problema ético, pelo menos quanto a nossa preocupação, é que, a despeito da força lógica da análise de Bentham, os homens engajam-se num tal jogo, muitas vezes apaixonadamente, e mesmo em face de uma punição legal. Para Bentham e os que pensam como ele (hoje em dia principalmente advogados, economistas e alguns psiquiatras), a explicação é que, como já disse, tais homens são irracionais – viciados, fetichistas, crianças, tolos, selvagens – que precisam ser protegidos contra si mesmos.<sup>24</sup>

Para os meus entrevistados, o jogo não possui tanta importância, nem é um tipo de renda viável. O mais interessante é o que alguns deles nos disseram sobre a civilidade dos participantes de rinhas de galos, geralmente associando civilidade ao título profissional do indivíduo, como na seguinte fala:

Eu não sou um cara da alta sociedade, mas também nem sou lá da costa do rio. Tenho uma posição social média, média pra boa. Eu vi gente de todo o tipo jogando briga de galo, não vai pensar que só joga o fulano porque é um ignorante, ou o sicrano porque nunca saiu de ao redor de casa que não conhece a civilização e uma posição social um pouco mais elevada. Eu vi médico, engenheiro, advogado, comerciante forte, industrialista, fazendeiro... todo mundo jogando briga de galos! Então você vai falar o que? Que briga de galo é pra ignorante?<sup>25</sup>

Ou jocosamente na fala de Nabor Corrêa:

Eu vi, um dia numa rinha, uma pessoa chegar e mostrar a carteira de promotor público. Todo mundo pensou que ele ia lá prender os galos. Aí ele abriu seu carro e puxou quatro galos para participar da rinha.<sup>26</sup>

A preocupação dos entrevistados não está em fazer juízo de classe aos membros participantes da rinha, pois são unânimes em falar que existem gente de todas as classes sociais na rinha. A preocupação em exemplificar pessoas ocupantes de cargos hierarquicamente superiores é a tentativa de argumentar que as pessoas providas de instrução escolar normativa ou status social também participam de rinhas de galo. Apesar de ser um argumento utilitário, passa a ser legitimador para essas pessoas.

Os galistas decerto não fazem parte de um mundo paralelo, fora do Ocidente ou da ideia de civilização. Pelo contrário, estão bem inseridos em sua sociedade, e também são reprodutores desse tipo de ideologia. Todos crêem, de certa forma, na superioridade das formas ocidentais de conduta ou de que a prosperidade e o desenvolvimento são creditados a superioridade, ou ainda que a sociedade caminha evolutivamente para alcançar algo melhor, principalmente essa nossa sociedade, onde são visíveis os avanços

---

<sup>24</sup> Ibid., p. 300.

<sup>25</sup> SCHMITD. op. cit.

<sup>26</sup> CORRÊA. op. cit.

tecnológicos e o crescente conhecimento científico. No entanto, a questão central que muitas vezes escapa a um olhar apressado está na existência de distintas formas de sociabilidade e de sensibilidade no meio social, meio esse que se quer uniformizar mediante ações e argumentos nem sempre coerentes ao menos para os praticantes da rinha, como observou Nabor Corrêa:

Geralmente quem condena e que cria o instrumento de condenação é o processo legislativo, é o que cria, que aprova e que discute. Mas não se discute palácio de 25 milhões de deputado, não se discute casa na beira do mar, não se discute, hoje, que cada deputado tenha tantas passagens para familiares passearem pela Europa! Isso não é errado! Isso é certo! Errado é o cara brigar um galo, criar um galo, dar comida o ano inteiro, treinamento... isso é um crime fabuloso! Aqueles que lesam a pátria, que lesam a sociedade, que se aproveitam de todas as condições com o dinheiro do povo, esses merecem ser privilegiados e condecorados! (...) Então, o que eu sempre discuto é que, quem fala do galo, fala sem conhecimento nenhum! (...) E quando falam em serviço de proteção, eu acho que a primeira proteção que se deve ter é com o cidadão desde o momento em que é concebido pela mãe, que ele tenha uma assistência na gravidez, que tenha assistência na escola, que ele tenha um processo dinâmico para ser encaminhado para o trabalho.<sup>27</sup>

Ou seja, o que essas falas nos dão a entender? Supostamente, que o Estado e as pessoas preocupadas com os animais, deveriam, antes de tudo, preocupar-se com os seres humanos, deixando os galistas e entusiastas livres de implicações legais.<sup>28</sup>

Desde o começo afirmo que os galos brigam por instinto, nada sendo preciso para que os galos adquiram “caráter belicoso”. Essa é a opinião de todos os galistas, fundamentada em argumentos científicos e na observação freqüente de seus animais. Para eles, é comum que o galo goste de brigar, que ele precise brigar para manter seu vigor ou o seu domínio, etc. Porém esse tipo de fala não é capaz legitimar a rinha de galos na atualidade em face ao discurso de bons tratos aos animais,<sup>29</sup> pelo menos para os animais considerados de maior importância dentro de uma hierarquia.

Esse tipo de pensamento, de proteção aos animais, a grosso modo, pode-se dizer que foi inaugurando na Inglaterra moderna. Segundo Keith Thomas, foi a partir do

---

<sup>27</sup> Ibid., op. cit.

<sup>28</sup> Curiosamente, vários entrevistados defendem uma legislação específica para a criação de galos de briga e controle sobre a prática.

<sup>29</sup> Keith Thomas descreve que as rinhas de galo mostraram maior resistência [aos discursos ou sensibilidades] pois podiam ser justificadas em nome de uma expressão espontânea dos instintos naturais da ave; até mesmo as esporas dos galos podiam ser defendidas, por garantirem a morte mais rápida do combatente derrotado. (...) [Mesmo assim], as rinhas tornaram-se ilegais em Londres no ano de 1833 e em toda Inglaterra em 1835. As brigas de galo foram finalmente proibidas em 1849, embora, como outros esportes animais, tenha sobrevivido de forma clandestina. THOMAS, op. cit., p. 190-191.

crescimento das cidades e o distanciamento do modo de vida rural que se formaram novas percepções e concepções do homem moderno inglês para com os animais:

(...) O novo sentimento começou a ser expresso por cidadãos bem situados, afastados do processo agrícola e propensos a considerar os animais como bichos de estimação, não como uma criação para o trabalho, quer por clérigos rurais educados, cujas sensibilidades eram diferentes das dos homens rústicos em cujo meio viviam. No século XVII, notava-se que a caça custava demasiado tempo e dinheiro para ser adequada a homens de negócio; e os movimentos reformistas para a abolição dos esportes cruéis estavam firmemente baseados na cidade.<sup>30</sup>

A passagem, além de desvelar os preconceitos de classe, demonstra que essas novas sensibilidades para com os animais são decorrentes da mudança no padrão moral, como se ressalta o mesmo autor na seguinte citação:

Já em 1795, um autor podia atribuí-la à “superioridade do presente, em sentimento humano, sobre qualquer período anterior”; e em meados do século XIX o historiador Lecky declarava que a modificação se efetuará, “não por algum acréscimo de conhecimento ou qualquer processo definido de raciocínio, mas simplesmente pela gradativa elevação do padrão moral”. Todavia, os contemporâneos seguramente estavam errados em pensar que as pessoas foram mais ou menos humanas em um período histórico que outro. O que mudara não fora o sentimento de humanidade enquanto tal, mas a definição da área dentro da qual se permitia operá-lo. A tarefa do historiador é explicar por que a fronteira que delimita a região de preocupação moral seria ampliada, de modo a compreender outras espécies, além da humana.<sup>31</sup>

Mas quais seres humanos compreendem as outras espécies? Para os galistas, quem entende de galos de briga são eles. As outras pessoas, como enfatizou Astor Boch; “não tem conhecimento de causa.”<sup>32</sup> A segunda pergunta, e talvez a mais interessante, é saber que tipo de sensibilidade para com os animais tem o galista. Ele “maltrata” seus animais? Para entender um pouco melhor o que pensam eles sobre isso resolvi fazer algumas perguntas relacionadas a outros animais, e o que pensam acerca do discurso sobre o mau trato aos animais. Vejamos algumas.

Roberto Volkmer, por exemplo, ao ser perguntado sobre rinha de cães, diz que ela não tem nada a haver com rinha de galos, “porque esses cachorros, o pitbull, se mutilam. Então é uma coisa feia, eu não gosto não”.<sup>33</sup> Opinião semelhantes à de Nelson Pooter – “o que eu acho mais crueldade é ver dois cachorros brigando, porque ali é na

---

<sup>30</sup> Ibid., p. 218.

<sup>31</sup> Ibid., p. 178.

<sup>32</sup> BOCH. op. cit.

<sup>33</sup> VOLKMER. op. cit.

dentada e se vê que rasga mesmo, diferente de um galo de briga”.<sup>34</sup> Enquanto José da Silva afirma que “o cachorro e o pássaro não são para isso”.<sup>35</sup> Na verdade a maioria dos entrevistados desconhece estas outras práticas, ou conhecem por ouvir falar. Todavia, o interessante nessas respostas é que geralmente prevalecem os discursos dominantes sobre as novas sensibilidades em relação aos animais, ou até mesmo a respeito de sensibilidades sobre o mundo natural em geral, como se percebe na preleção de Nabor Corrêa sobre a mesma pergunta:

Em primeiro lugar, eu nunca tive a intenção de ter um canário encerrado. Acho que o passarinho, pelo seu tamanho deve estar solto. Até mesmo na propriedade que eu tenho, onde eu criava galos de briga, vinham pássaros de todas as espécies por causa da distribuição de alimento para os galos, e a gente os admirava soltos na natureza. Entendemos que, eles, presos, não tem a mesma beleza, nem o mesmo encanto. Sobre o cachorro, eu já ouvi falar sobre briga de cachorros, mas nunca vi uma briga de cães.<sup>36</sup>

Todos os entrevistados demonstram algum tipo de compaixão pelos animais, com certeza não na mesma medida em que membros de sociedades protetoras de animais e simpatizantes, com exceção no que se refere aos galos de briga, como é possível observar na fala de Astor Boch, quando perguntado sobre o que pensa do mau trato aos animais:

Ah, eu sou contra o mau trato aos animais. (...) Eu acho o mau trato aos animais uma idiotice de quem pratica, mas com relação ao galo de briga, fazer a rinha de galos e por o galo brigar, (...) na minha opinião, com o conhecimento de causa que eu tenho, não é mau trato ao animal. Porque o animal, como já disse, tem instinto voltado para a briga, e não é o homem que põe o galo brigar, a gente tem que criá-los separados uns dos outros senão eles se matam entre si. Então, esse é um caso específico onde o animal rinha, a gente leva ele a rinha, ele rinha porque ele quer brigar. Quando ele vê o outro ele já se transforma e já salta sobre o outro brigando, não há a necessidade de instigar o animal a briga.<sup>37</sup>

Opinião esta compartilhada com vários outros galistas, como por Nelson Pooter:

Olha, eu sei que tem gente que judia de bichos, mas o galo de briga não tem nada a ver com isso. Você judiar um bicho é uma coisa, pegar um cachorro e encher de pauladas... Agora, pegar um galo de briga e por um na frente do outro, ele vai brigar, ninguém vai por ele brigar se ele não quer brigar.<sup>38</sup>

---

<sup>34</sup> POOTER. op. cit.

<sup>35</sup> SILVA. op. cit.

<sup>36</sup> CORRÊA. op. cit.

<sup>37</sup> BOCH. op. cit.

<sup>38</sup> POOTER. op. cit.

A despeito do que dizem acerca do instinto dos animais, muito mencionada durante as entrevistas, um problema surge ao estudioso das Ciências Humanas: se os galistas possuem compaixão pelas demais espécies, se estão de acordo com as considerações essenciais no que diz respeito às novas sensibilidades para com o mundo natural, qual é a fronteira que delimita a região de preocupação moral<sup>39</sup> entre esses homens e os galos? Será que eles não se preocupam com seus animais ou será que galos de briga são diferentes de outros animais, ou tem outro tipo de consideração?

Em primeiro lugar poderíamos dizer que galos de briga não são animais de estimação, apesar de algumas vezes os donos demonstrarem grande apreço e admiração por eles. Mas, segundo o que propõe Thomas a respeito do *principium divisionis* entre animais de estimação e os outros animais, existe um abismo entre galos e animais de estimação: galos não entram em casa,<sup>40</sup> não recebem nomes pessoais individualizados<sup>41</sup> e geralmente tem nomes conforme a cor ou outras características, além de que podem servir também como alimento.<sup>42</sup> Dessa forma entendemos que o galo de briga não é um animal de estimação, mas também não é para o trabalho, nem para fins ornamentais, mesmo alguns criadores apreciando seus dotes e beleza. A criação desse animal existe apenas para prazer de certos aspectos do comportamento masculino:

Eram apreciadas enquanto representação de combate privado. O galo é o símbolo de coragem masculina e façanhas sexuais (duplo sentido muito importante). Ele luta até a morte, ainda que cegado ou gravemente ferido; é louvado por sua “coragem invencível” e sua “resolução”, e o próprio esporte é elogiado como diversão nobre e heróica.<sup>43</sup>

Outro exemplo claro disso é o que escreve Geertz entre os balineses:

Para quem quer que tenha permanecido algum tempo em Bali, a profunda identificação psicológica dos homens balineses com seus galos é incontestável. (...) O fato é que eles são símbolos masculinos *par excellence* é indubitável e tão evidente para os balineses como o fato de que a água desce pela montanha.<sup>44</sup>

São símbolos da masculinidade por todas as partes onde existem galos de briga e galistas, pois esses homens querem que seus galos sejam supostamente como eles ou vice-versa, já que a briga somente é real para os galos. Entre os nossos galistas, por

---

<sup>39</sup> THOMAS, op. cit., p. 178.

<sup>40</sup> Ibid., p. 135.

<sup>41</sup> Ibid., p. 136.

<sup>42</sup> Ibid., p. 139.

<sup>43</sup> Ibid., p. 219. Para adequar a citação foi necessária a alteração do pretérito para o presente.

<sup>44</sup> GEERTZ, op. cit., p. 283-284.

exemplo, predomina a idéia de que galo que corre da briga se constitui numa vergonha, das piores que pode ocorrer para um galista. Afinal, há uma grande diferença entre perder corrido e perder caído, porque o homem é inevitavelmente comparado aos seus galos. De acordo com isso, se os galos de tal fulano só perdem, todos o tomarão como perdedor, se correm, pior ainda, mas se ganham, serão o deleite para seus donos, que serão respeitados pelos seus adversários. “O que está em jogo é o orgulho”, afirma Nabor Correa, e “quando se ganha de um galista grande você se equipara a ele”, reforça José Luiz de Oliveira.

Seja como for, vale sublinhar que a briga de galos é uma prática cultural em que determinados homens encontram divertimento e outras modalidades de socialização, num meio social que ainda traz consigo significativos aspectos da vida rural ou, quando menos, de uma vida distinta da observável nas grandes cidades. E, em face de uma sociedade cada vez mais urbanizada, e na qual prevalecem os padrões de civilidade forjados ao longo dos últimos séculos no Ocidente, a briga de galos, tal como vários outros tipos de divertimento, encontra resistências cada vez mais acentuadas para subsistir.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. **O Governo Jânio Quadros**. São Paulo: Brasiliense, 2ª edição, 1999.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre praticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa [Portugal]: Difel, 1990. 244p

ELIAS, Francisco. **Galos de Briga e Brigas de Galos**. 2ª ed. Rio de Janeiro: (sem editora), 1978.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. 1ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1989. 332 p.

IBGE. **Estimativas das populações residentes, em 1º de julho de 2008, segundo os municípios**. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2008/POP2008\\_DOU.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2008/POP2008_DOU.pdf)> Acesso em: 02 jun. 2009, 16:10:00

MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa / São Paulo : Companhia Melhoramentos, 1998 – (Dicionários Michaelis)

THOMAS, Keith. **O Homem e o Mundo Natural**: Mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais, 1500-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 493 p.

THOMPSON, Paul Richard. **A voz do passado**: historia oral . São Paulo: Paz e Terra, 1992. 385p

BOCH, Astor. **Entrevista concedida a Misael Costa Corrêa**. São Miguel do Oeste, 21 de abr. de 2009. Depoimento Oral.

CORRÊA, Nabor N. F. **Entrevista concedida a Misael Costa Corrêa**. São Miguel do Oeste, 19 de abr. de 2009. Depoimento Oral.

OLIVA, João Lucas. **Entrevista concedida a Misael Costa Corrêa**. São Miguel do Oeste, 13 de abr. de 2009. Depoimento Oral.

POOTER, Nelson. **Entrevista concedida a Misael Costa Corrêa**. Guaraciaba, 16 de abr. de 2009. Depoimento Oral.

SCHMITD. Antonio Vicente. **Entrevista concedida a Misael Costa Corrêa**. São Miguel do Oeste, 20 de abr. de 2009. Depoimento Oral.

SILVA, José da. **Entrevista concedida a Misael Costa Corrêa**. Itapiranga, 18 de abr. de 2009. Depoimento Oral.

VOLKMER, Roberto. **Entrevista concedida a Misael Costa Corrêa**. São Miguel do Oeste, 13 de abr. de 2009. Depoimento Oral.